



Nº 01
Janeiro
2020

Existe uma diferença, e ela pode ser percebida

*Humberto Dantas **

Os quatro anos do primeiro governo de Jair Bolsonaro não passarão para a história como um período isento de conflitos, polêmicas e em alguns casos retrocessos científicos – ao menos no que diz respeito a posicionamentos e discursos. Também será, certamente, marcado por posturas heterodoxas no campo das Relações Internacionais, tendendo à perda de algumas oportunidades históricas e na conquista de espaços com base em relações de submissão que alguns críticos não aceitarão, enquanto outros dirão que os fins “justificam os meios”. Aqui talvez o ponto central sejam as recentes declarações dos Estados Unidos sobre o apoio à entrada do Brasil na OCDE, depois que a Argentina alterou eleitoral e democraticamente sua tendência ideológica, derrotando uma direita mais simpática a Trump.

Nesse mês de janeiro tivemos mais uma edição em Davos, Suíça, do Fórum Econômico Mundial. E em se tratando de Brasil não é possível dizer que não houve uma mudança sensível em relação ao evento de 2019. A figura central, nesse caso, é a do presidente da República. Ano passado Jair Bolsonaro decepcionou com uma participação que supera qualquer lógica de acanhamento. Fez um discurso breve e considerado superficial no local. Até então há menos de um mês no poder, se mostrou nervoso e falou por apenas SEIS minutos – tinha 45, sinalizou que utilizaria 30 e somando as perguntas não superou 17, sendo tratado de maneira fria pelos demais participantes. O que mais chamou a atenção à época foi a ausência de agendas e encontros bilaterais com outras nações, bem como um passeio fora do protocolo que mostrou ele almoçando no bandeirão de um supermercado comum.

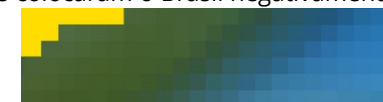
Entre suas principais promessas à época o desejo de fazer com que o Brasil subisse cerca de 60 posições no ranking mundial de Doing Business em quatro anos – depois de dez meses no poder a nota brasileira revelada em outubro mostrava um país discretamente melhor na pontuação (de 58,6 para 59,1), mas em 124º lugar, pois o 109º de 2018, corrigido meses depois para

116º pelo Banco Mundial. Assim, se o país andou para frente, o mundo andou mais rápido. Em resumo, o que se entendeu da participação de Bolsonaro em 2019 foi, resumidamente e de acordo com o jornal O Estado de Minas que: “o governo busca melhorar o ambiente de negócio no Brasil, com desburocratização, incentivo ao comércio internacional e redução da criminalidade”. Ademais, buscou sinalizar simpatia pelo “meio ambiente, tema sensível ao público mundial e sobre o qual pairam dúvidas quanto às ações que serão promovidas” em seu mandato.

Em 2020 o encontro teve como tema central a questão da sustentabilidade, e a desconfiança do mundo em relação ao Brasil continua presente. Dessa vez, no entanto, foi a equipe econômica quem protagonizou a participação do país na Suíça. Bolsonaro preferiu ir para a Índia, onde participou de reuniões de uma visita oficial de quatro dias que terminou com a assinatura de acordos bilaterais relevantes comemorados pelo Planalto. Paulo Guedes, assim, foi a estrela maior do país em Davos e sua participação, em equipe menor que aquela levada um ano atrás, foi mais bem avaliada internamente.

Um dos pontos positivos foi a aproximação com o Reino Unido, mas as incertezas do Brexit, a ser efetivado em 31 de janeiro, não parece capaz de gerar expectativas concretas. Negativamente, o governo deu mais um indicio do quanto tem dificuldade para tratar de questões ambientais de forma equilibrada, científica e sintonizada com debates e percepções mais atualizadas e respeitadas. O mundo anda receoso e atento com as atitudes brasileiras no universo ambiental. As queimadas amazônicas e o desastre do derramamento de óleo na costa do país colocaram o Brasil negativamente nas manchetes.

* Doutor em Ciência Política pela USP, pesquisador pós-doutorando em Administração Pública da FGV-SP.





Ademais, o tratamento destinado aos povos indígenas e o sentimento aguçado de predomínio das narrativas dos interesses de parcelas menos compromissadas do agronegócio com a não preservação de florestas são temas caros a alguns investidores. Empresários brasileiros presentes ao evento, inclusive, afirmam terem sentido resistências em algumas reuniões por conta da postura brasileira expressa por declarações oficiais, estudos e notícias vindas do país com relação a tal temática. Guedes, inclusive, afirmou que parte do desmatamento se dá por questões atreladas à subsistência de povos nativos empobrecidos e em dificuldades sociais e econômicas. A visão é considerada antiquada e nada passível de comprovação científica, pelo contrário: os povos amazônicos são notadamente considerados guardiões de um patrimônio incalculável.

A despeito de tais polêmicas, Paulo Guedes indicou otimistamente que em um ano o governo de Bolsonaro tirou o país do abismo e

declarou abertamente a jornalistas que sentiu a existência de maior confiança por parte do investidor estrangeiro no país. O discurso sintoniza com o que o presidente da República disse na Índia, apontando que as relações entre os países, que movimentam US\$ 6 bilhões ao ano, podem chegar à casa dos US\$ 50 bilhões até 2022. Esse ano é estratégico e simbólico em termos políticos para o Brasil, por se tratar das

próximas eleições para Presidente. Assim, se a economia deslanchar e sedimentar as expectativas do governo seria difícil imaginar a não reeleição do atual presidente. Ele sabe disso, mas seus adversários políticos também entendem o quão estratégico alguns movimentos são. Prova disso é que durante a tramitação da reforma da Previdência em 2019, o presidente do Solidariedade, deputado federal Paulo Pereira da Silva, afirmou, preocupado sob o seu ponto de vista político, que alterações na matéria que ofertassem possibilidades mais concretas de melhora econômica para o país em 2022 deveriam ser observadas sob um viés eleitoral capaz de contribuir com a reeleição de Bolsonaro.

Complementa a relevância desse cenário a presença em Davos do apresentador de televisão vinculado à Rede Globo de Televisão Luciano Huck. Visto por muitos como um forte competidor em 2022, sua participação

já havia sido cogitada no pleito de 2018. Huck participou de reuniões e não evitou ser tratado como possível postulante no próximo pleito, sendo que sua posição mais central no espectro ideológico visa a ocupar um espaço esvaziado e desgastado pelo excesso de representantes nas últimas eleições, desarticulação discursiva e adensamento de uma lógica polarizada extremada. Igualmente presente foi o governador do Estado de São Paulo, João Dória Jr.

Empresário acostumado a ambientes mais sofisticados no universo econômico, o mandatário paulista abusou de aparições em seus meios de comunicação, afirmando o compromisso com agendas capazes de trazer a São Paulo vantagens no universo econômico por meio de parcerias. Vendendo o estado mais estruturado da nação, para muitos Dória desfila como pré-candidato ao Planalto, algo que começaria claramente pelo secretariado com características ministeriais que montou no início do ano passado aproveitando nomes alocados no governo de Michel Temer.

Diante de tais percepções, nitidamente para o Brasil o Fórum Econômico Mundial de 2020 serviu de palanque político para as longínquas eleições presidenciais de 2022, bem como mostrou que estrategicamente o governo brasileiro aprimorou sua percepção acerca do encontro, retirando de cena um ideológico Bolsonaro e colocando no palco o responsável técnico e político por suas ações econômicas, o poderosíssimo Paulo Guedes – a despeito de suas falas otimistas e, em termos ambientais, extremamente polêmicas e inconsistentes.

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.